

*A biografia e o ofício do historiador**

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A biografia tem percorrido um trajeto acidentado na história. Ataques da Escola dos *Annales* fizeram com que ela fosse relegada a um segundo plano na primeira metade do século XX. Novas pesquisas e interesse do público fizeram a biografia renascer ao final do século. Este artigo discute algumas tipologias biográficas mais recorrentes. São apresentados também alguns pontos importantes que compõem o ofício do historiador quando trabalhando com biografias, tais como o papel desse profissional ao abordar o seu personagem, o trabalho das fontes e como analisá-las, o contexto no qual se insere o seu personagem e por fim os estilos que conformam a narrativa textual.

Palavras-chave: Biografias; Ofício do historiador; Narrativas.

Abstract: The biography has tracked an eventful path in history. Attacks coming from *Annales* made the biographical text a second rate among historical styles in the first half of the 20th century. New researches and public interest were the reborn of the biography at the end of the century. This article discusses some current biography types. It is also discussed some important aspects that comprise the historian work when writing biographies, such as his role when facing his object, how to work and analyze

* Artigo submetido à avaliação em 19 de março de 2014 e aprovado para publicação em 25 de abril de 2014.

** Graduado em Ciências Navais pela Escola Naval, graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em História pela UFRJ e doutor em História Comparada pela UFRJ, professor de Estratégia e História Naval da Escola de Guerra Naval, pesquisa sobre biografias comparadas (PPGHC/UFRJ), E-mail: mh.almeida@uol.com.br.

different sources, the context in which his object is immersed and at last the styles that conform the biographical text.

Keywords: Biographies; The historian work; Narrations.

A biografia tem percorrido um trajeto acidentado na história. Enaltecida no passado, passou a ser desprestigiada no século XX, em razão principalmente dos ataques da Escola dos Annales. No entardecer do século passado, ela parece ter vindo para se estabelecer com maior intensidade. Interesse do público, congregado a novas pesquisas e descobertas, têm feito da biografia um gênero interessante para o leitor comum. Mesmo críticos severos da biografia como Jacques Le Goff, digno representante da terceira geração dos Annales, na introdução de sua obra *São Luiz*, pareceu render-se à legitimidade e importância desse gênero historiográfico nos estudos contemporâneos. Diria ele em 1989 que a “biografia era o ápice do trabalho do historiador” (BORGES, 2005, p. 209).

O que se pretende discutir neste artigo é a importância do gênero biográfico nos estudos históricos contemporâneos. Pretende-se apresentar inicialmente algumas tipologias que distinguem a biografia, para em seguida discutir quatro elementos que compõem o texto biográfico: o papel do historiador, as fontes disponíveis, o contexto no qual o biografado se inclui e por fim a narrativa textual.

Tipologias que compõem a biografia

A curiosidade com seus ídolos e a descoberta de novos aspectos da vida de homens destacados têm atraído cada vez mais os historiadores profissionais com as potencialidades estilísticas da biografia. Não só de grandes homens se nutre o trabalho biográfico. A história do personagem pequeno, invisível no contexto social e político tem, também, atraído a atenção dos historiadores. Esse foi o caso da biografia inovadora do jesuíta Matteo Ricci, escrita pelo historiador britânico Jonathan Spence. Spence

situou o seu estudo a partir de imagens que o próprio Ricci compôs em suas viagens para o Extremo Oriente, em busca de novas almas a serem convertidas para o cristianismo ao final do século XVI (SPENCE, 1986). Enfim, como se poderia conceituar a biografia dentro dos gêneros historiográficos?

A biografia é uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. Pode, também, ser a compilação de biografias de homens importantes e gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou personagem (BORGES, 2005, p. 204). O termo é oriundo do grego *bios*, vida e *graphein* escrever, acrescido de *ia*, um formador de substantivo abstrato (BORGES, 2005, p. 204). Durante muito tempo a biografia tradicional esteve ligada a exaltação de grandes heróis nacionais, daí uma reação até justificada dos Annales em repeli-la. O propósito principal de uma biografia, antes da crítica analítica, era bem claro. Ensinar aos leitores os passos de homens e mulheres do passado, “vivendo em um mundo menos civilizado, muitas vezes convivendo com uma dura realidade, conseguindo sobressair-se em relação aos demais seres humanos”, segundo palavras de Magda Ricci (RICCI, 2000, p. 154).

Para Francisca Nogueira de Azevedo (AZEVEDO, 2000, p. 131) existe uma distinção clara entre a chamada biografia histórica e a biografia literária. A primeira não se restringe mais a revelar somente o sujeito, mas a relação dele com os seus atos e com os fatos. Para o historiador torna-se necessário recorrer à documentação que imprime um ponto de vista à narrativa e orienta o caminho a percorrer (IDEM). O trabalho do historiador necessita de provas em que se apóie e confronta essas provas com outras coletadas durante a sua pesquisa, conotando esse procedimento como um trabalho rigoroso e científico. Isso não significa que o historiador seja apenas um artífice preocupado com a ciência, esquecendo a arte em sua confecção. Octavio Tarquínio de Sousa apontou que em nenhuma tarefa o historiador se aproximou mais do artista do que na biografia. Ele, historiador, havia de utilizar sua imaginação sabendo o mais possível recriar a vida que se extinguiu e restaurar o tempo que passou. Só com essa visão o trabalho

biográfico deixaria de ser um amplo relatório e lograria “apresentar, em perfeito sincronismo, o indivíduo e o seu meio histórico” (DE SOUSA, 1957, p. 10).

Na biografia literária, por outro lado, o autor não se fixa apenas na documentação, mas pode deixar a imaginação fluir recorrendo constantemente à ficção, tornando sem dúvida sua narração mais interessante para o leitor, porém mais afastada da realidade. Nesse caso o escritor deixaria a sua imaginação livre para propor enredos, diálogos e situações que pouco se relacionariam com o que efetivamente ocorreu.

Uma das melhores traduções do que seja uma biografia em sua natureza foi transcrita pelo historiador Benito Bisso Schmidt, a partir do livro *A mulher calada* (MALCOLM, 1995) de Janet Malcolm, no qual a autora procurou conceituar as diversas biografias escritas sobre o seu objeto biográfico Sylvia Plath, uma das grandes poetizas do século XX. Disse Malcolm:

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhes são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho, de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge, exibindo em triunfo o produto de sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhante as de um banco. O biógrafo é apresentado quase como uma espécie de benfeitor. Sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha (SCHMIDT, 1997, p. 18).

A definição de Janet Malcolm parece se ajustar em realidade naquilo que realmente é uma biografia. Seja como for, o medievalista Jacques Le Goff, representante da terceira geração dos Annales, que combateu

severamente a biografia enaltecida de exemplos, afirmou em 1989 que a biografia era um complemento indispensável de análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos. Dez anos depois disse que a biografia era o ápice do trabalho do historiador (BORGES, 2005, p. 209). Sem dúvida sua biografia de São Luiz (LE GOFF, 1999), escrita nos anos 90 do século passado, procurou, segundo suas próprias palavras, “contar, mostrar e explicar tudo que podemos sobre um personagem enquanto indivíduo. É um ensaio sobre o indivíduo no século XIII” (BORGES, 2005, p. 229) Na introdução dessa monumental obra de quase 1000 páginas, Le Goff, criado na tradição analista da história social com reservas marcantes ao gênero biográfico, pareceu render-se à legitimidade e importância da biografia nos estudos históricos contemporâneos.

Ainda na discussão sobre biografia, Pierre Bourdieu falou de uma “ilusão biográfica” (2006) afirmando que não se podia tratar a vida como um relato coerente de fatos, pois assim agindo o historiador estaria reduzindo a vida de um indivíduo a uma ilusão retórica. Complementava dizendo que tal procedimento era incorreto, pois a vida de qualquer pessoa era descontínua e fragmentada. Era fundamental a reconstrução do contexto, a *superfície social*¹, o local onde o indivíduo agia em uma pluralidade de tempo e espaço.

Por outro lado, François Dosse sugeriu que ocorreram três fases no percurso da biografia no processo histórico. A primeira fase, chamada de “idade heróica”, na qual o autor da biografia tinha a tarefa de transmitir valores, modelos de conduta e procedimentos para as gerações seguintes. Uma segunda fase, a que chamou de “biografia modal”, na qual a biografia teria valor somente para apontar o coletivo, o plural, isto é, a sociedade do biografado nos diferentes e distintos tempos e espaços e por fim uma terceira fase, que se estende até os dias de hoje, que ele chamou de “idade hermenêutica”, instante em que a biografia transformou-se no campo de experimentação do historiador, influenciado por diversas tendências

¹ Para Bourdieu *superfície social* era o conjunto das posições simultaneamente ocupadas em um dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que agia como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitiam intervir como agente eficiente em diversos campos.

disciplinares (BORGES, 2005, p. 207). Em realidade, de algum tempo para cá, os historiadores passaram a abordar a questão biográfica de diversas maneiras, propondo tipologias pessoais, de forma a classificá-las segundo determinados parâmetros.

Uma dessas tipologias apontadas para classificar as biografias foi proposta por José van den Besselaar que as dividiu em quatro grupos (1968, p. 81). O primeiro constituído das *biografias moralistas* que tinha em Plutarco seu principal representante. Esse tipo de biografia praticado na antiguidade tinha como característica principal o seu efeito moralista, no qual o biografado tinha algo a transmitir, a ensinar, a exemplo da “idade heróica” proposta por Dosse. Não interessavam as grandes realizações nem a conexão histórica, mas sim a afirmação do caráter do herói e suas ações moralizantes (1968, p. 81). O segundo grupo para Besselaar era a *hagiografia*, também muito praticada na antiguidade e no período medieval, no qual tinha como propósito glorificar a Deus mediante a ação de seus santos e propor aos homens, modelos de virtude e santidade (1968, p. 82). A vida dos santos era a principal finalidade desse grupo e assim de grande importância para os católicos. O terceiro grupo para Besselaar era a *autobiografia*. Esse tipo inexistia na antiguidade clássica como gênero autônomo, uma vez que os antigos costumavam “se esconder discretamente atrás de suas obras”. Besselaar comentou que Aristóteles dissera que uma pessoa de sentimentos verdadeiramente nobres não falava de si próprio (1968, p. 83). Em relação a esse grupo, Peter Burke afirmou que as autobiografias e memórias eram meios particularmente efetivos para “as pessoas apresentarem o que podia se chamar ‘versão autorizada’ de sua vida, fazendo parecer que elas buscavam certas metas sem as hesitações, as distrações e as confusões que faziam parte da vida de todos” (BURKE, 2009, p. 31). Por fim, o quarto grupo era chamado de *vida romaneada* que Besselaar apontou como um gênero recente de biografia. Segundo ele, esse tipo não devia ser confundido com histórias “perfumadas” que recorriam continuamente a imaginação e falsificavam a realidade. A *vida romaneada* mantinha o interesse do público pela vida do biografado e atraía o leitor a entrar em contato com esse personagem. Ao mesmo tempo, Besselaar criticou a biografia científica que pecava por

excesso e eruditismo e pela “falta completa de conteúdo humano” (1968, p. 84). Dizia ele que as *vidas romanceadas* podiam ser boas ou más. A primeira escrita pelo historiador de forma clara, realista, sem eruditismo e atraente para o leitor, a segunda falsificada, irreal e pouco atraente.

Outra tipologia do gênero biográfico foi idealizada por Giovanni Levi. A primeira maneira proposta por ele foi a *prosopografia e biografia modal*. Para Levi os elementos biográficos que constavam das prosopografias só eram considerados historicamente reveladores quando possuíam alcance geral. A infinidade de combinações, a partir de experiências estatisticamente comuns às pessoas de certo grupo, determinava a ‘infinidade de diferenças singulares’ e da mesma forma a conformidade e estilo do grupo, indicando uma concordância com Bourdieu. Esse tipo de trabalho biográfico comportava abordagens de grupos, de massas, ou o que Michel Vovelle indicou “dos anônimos, dos que jamais puderam dar-se ao luxo de uma confissão, por menos que seja literária: os excluídos, por definição, de toda biografia” (LEVI, 2006, p. 174). No caso da *biografia modal*, Levi afirmou que esse tipo de trabalho comportava a biografia de um indivíduo que concentrava todas as características de um grupo em determinado tempo e espaço.

A segunda maneira imaginada por Levi foi a *biografia e contexto* na qual o meio e a ambiência eram muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que poderia explicar a singularidade de trajetórias (2006, p. 175). O contexto era fundamental nessa biografia e devia ser visto de duas formas. Por um lado, a reconstituição do contexto histórico e social permitia compreender o que inicialmente parecia incompreensível e inexplicável. Por outro lado, o contexto servia para preencher as lacunas de documentos inexistentes por meio de comparações com outros personagens que eram similares aos biografados com trajetórias parecidas, usando-se assim a analogia como instrumento.

A terceira maneira era a *biografia e os casos extremos* (2006, p. 176). Levi, nessa forma, apontou que ao descrever os casos extremos, podiam ser lançadas luzes sobre as margens do campo social, dentro do qual era possível ocorrerem esses casos. Voltando a Michel Vovelle, esse afirmou que “o estudo de caso representa o retorno necessário à experiência individual, no

que ela tem de significativo, mesmo que possa parecer atípica” (2006, p. 177). O exemplar típico dessa forma de trabalho biográfico foi o inovador livro de Carlo Ginsburg *O queijo e os vermes* no qual utilizou a biografia de Menocchio como um caso extremo e não modal. Apesar do caso de Menocchio ter sido extremo, ele permitiu revelar especificidades culturais e foi representativo de um período da história religiosa européia no século XVI e de suas percepções (GINZBURG, 1987).

Ao se proceder a um trabalho biográfico, quatro elementos devem ser analisados, o papel do historiador, as fontes disponíveis, o contexto no qual o biografado se inclui e por fim a narrativa textual.

O papel do historiador

Segundo o historiador Jean Orioux, o biógrafo tem que reunir o maior número possível de conhecimentos sobre o seu personagem, com o propósito de se aproximar ao máximo da precisão, autenticidade e probidade (1994, p. 39). O importante é ter o máximo de informações sobre o biografado. Para Orioux o historiador precisa ser entusiasmado e aproveitar todos os documentos que lhe venham à mão, não esquecendo que a solidão desse trabalho é a situação mais propícia para aproximar o pesquisador de seu herói. Dessa intimidade que nasce a biografia. O biógrafo conhece, também, todas as faces de seu biografado, por que reuniu todos os testemunhos dos que o conheceram e julgaram. A partir desses testemunhos diferentes, o historiador é capaz de montar um retrato o mais próximo da realidade do seu objeto. Para Orioux o trabalho biográfico se aproxima da arte, pois não se trata de adquirir conhecimentos sobre o herói, mas “transformar conhecimentos mortos num homem vivo” (1994, p. 44). A intuição faz parte do seu trabalho, porém só se contribuir para a verdade histórica e psicológica do personagem. O biógrafo precisa se interessar, se divertir, se comover, se agradar do seu herói. Não só seus méritos e triunfos interessam ao historiador, mas também suas misérias, defeitos e até vícios. Para Orioux uma biografia é um casamento. O biógrafo deve conviver

intensamente com o seu biografado e quando chega ao ponto de confundir a sua identidade com a dele, atingiu o ponto de impregnação e assim caminha no rumo certo. Para Orioux, se entre o historiador e o seu objeto tudo correr bem, pode-se ver o biografado caminhar “bem vivo, entre leitores igualmente vivos, que o recebem, que por vezes o compreendem e chegam a acarinhá-lo. É esse o segredo da arte da biografia” (1994, p. 47).

Qual seria afinal a relação entre o biógrafo e o biografado? Seria essa relação de afastamento ou de simbiose? Mikhail Bakhtin parece ter uma explicação interessante sobre essa relação. Para esse autor russo o biógrafo está muito próximo de seu herói, pois os dois “como que podem trocar de lugar, e por essa razão é possível a coincidência pessoal entre o personagem e o autor” (BAKHTIN, 2010, p. 139). Por certo para Bakhtin o narrador se vê ou se torna personagem (2010, p. 141). Para ele existem dois tipos básicos de narrativa biográfica, o primeiro chamado de *aventuresco-heróico*, muito utilizado no Renascimento, na época do Sturm and Drang e no tempo de Nietzsche e o segundo chamado de *social de costumes* ligado ao sentimentalismo e em parte ao realismo (2010, p. 142).

Os valores biográficos *aventurescos-heróicos* se baseiam na vontade de ser herói, de ser relevante, na vontade de ser amado e na vontade de superar a fabulação da vida, analisando a diversidade das suas vidas interior e exterior. Essas três vontades para Bakhtin é que se organizam na vida e nos atos do herói biográfico, sendo valores essencialmente estéticos e representados pelo biógrafo (2010, p. 143). Ocorrerá uma familiaridade com o herói, quando tanto o leitor como o biógrafo irão se colocar a si mesmo nele. Há que se notar que Bakhtin considera que ao criar o personagem e sua vida, o biógrafo se orienta pelos mesmos valores do personagem. Ao representar as aventuras do herói, o biógrafo parte desse mesmo interesse pela aventura, o personagem age heroicamente e o autor o heroifica do mesmo modo (2010, p. 150). Para o autor russo, o biógrafo se combina com o personagem nas convicções e no amor, isto é, os mesmos valores que o personagem toma em sua vida estética são compartilhados. Certo é que para Bakhtin o biógrafo nem sempre coincide ou concorda com o pensamento de seu biografado, “eles são dois” independentes, no entanto entre eles não há contraposição de

princípios e ambos pertencem ao mesmo universo de valores (2010, p. 151). A relação entre o autor e o personagem é tensa, substancial e de princípios (2010, p. 160).

No segundo tipo, o *social de costumes*, Bakhtin indica que a história não é a força organizadora da vida, mas sim o aspecto social que aponta para a sociedade onde vive o personagem biografado ocorrendo um corte não-histórico. A humanidade dos heróis vivos e não dos mortos que irão viver e ser lembrados, sendo suas relações apenas um momento passageiro. Nesse tipo de concepção histórica quem ocupa o centro são valores culturais históricos que organizam a forma do herói biografado e de sua vida que são valores como a grandeza, a sua força, a circunstância histórica, a façanha, suas realizações e glória e não fatores como a felicidade e abundância, a pureza e a honra. O centro é assim ocupado por valores sociais e familiares que organizam a sua vida privada. Nesse tipo não há a aventura, predominando a descrição (2010, p. 148).

Dessa maneira há uma relação íntima entre o biógrafo e o biografado e muito do que o autor narra de seu herói ele traz de seu meio, de suas convicções e de seu modo de pensar e ser; como diz Bakhtin “eles são dois”. O autor se espelha e se projeta no biografado e o enaltece quando assim concorda com seus atos e o recrimina quando dele discorda. Essa é a relação intrínseca entre os dois, autor e personagem, segundo Bakhtin.

Disponibilidade de fontes

Com respeito às fontes disponíveis, os diários íntimos e memórias assumem um papel fundamental na construção biográfica. Neles podem ser encontradas informações importantes de determinado personagem, assim como confissões pessoais que podem ajudar a compor o imaginário íntimo desse biografado. Não só os diários de personagens biografados, mas também diários de pessoas que com eles conviveram. Por meio deles pode-se, inclusive, montar o contexto que cercava o personagem e o mais significativo, as diferentes percepções desse ambiente. Da simples

informação diária insignificante até um sentimento, uma paixão ou atitude tomada em determinado instante crucial de vida, poderá ser fundamental para o biógrafo montar o quadro de seu objeto de pesquisa. Um exemplo marcante desse tipo de fonte foi o diário de campanha de Manuel Carneiro da Rocha (ROCHA, 1999), pertencente ao estado-maior do vice-almirante Joaquim Marques Lisboa, então visconde de Tamandaré, comandante das forças navais brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, que abrangeu o período de 8 de fevereiro a 31 de dezembro de 1866. Nele Carneiro da Rocha discutiu não só as ações de Tamandaré como chefe naval, como sua rotina de combate como comandante da canhoneira *Itajá* em ação no rio Paraguai. Um documento importante para quem quer construir uma biografia de Tamandaré. Ao mesmo tempo em que o biografado expõe seus pensamentos mais íntimos, ele pode escamotear ou disfarçar certas passagens por temor que seus sentimentos possam se tornar públicos, daí a prudência do pesquisador em desconfiar do que se encontra apontado nesses diários pessoais. O confronto com outras fontes torna-se não só prudente, como necessário por parte do biógrafo. Leonor Arfuch, ao analisar a importância do diário pessoal afirmou:

Dos gêneros biográficos cunhados na modernidade, talvez seja esse [o diário pessoal] o precursor da intimidade midiática, o que aprofundou a brecha para o assalto da câmara, o que contribuiu em maior medida para uma inversão argumentativa: antes, o íntimo podia ter dito, não mostrado; agora se mostra mais do que se diz (ARFUCH, 2010, p. 144).

Outra fonte fundamental para o biógrafo é a correspondência entre o personagem e seu círculo de relacionamento, nas suas vertentes passiva e ativa. As cartas, a partir do século XVIII, passaram a ter um papel mais relevante na expressão de sentimentos, emoções e experiências (MALATIAN, 2009, p. 196). As cartas expressam normalmente a vida privada, revelações íntimas e jogos simbólicos entre personagens. Segundo Teresa Malatian, nas cartas ocorre um jogo sutil estabelecido entre o público

e o privado, o íntimo e o ostensivo (2009, p. 197). Muitas cartas referem-se a assuntos corriqueiros e sem importância que, entretanto, podem significar chaves explicativas importantes para o pesquisador. Outras cartas poderão escamotear sentimentos e ações, inclusive com a utilização de pseudônimos e códigos entre os missivistas. As cartas podem provocar em seus autores ou destinatários sentimentos ambivalentes de desejo de preservação ou destruição, segundo Malatian. A proteção da intimidade de olhares indiscretos, principalmente nos momentos de entrega espontânea, inspirou desejos de destruição após a sua leitura (2009, p. 200), ao mesmo tempo em que, para outros personagens, inspirou a sua conservação como vestígios de afetos verdadeiros e sentimentos considerados eternos. Um exemplo muito conhecido na biografia de Horatio Lorde Nelson, personagem naval inglês do século XVIII, foi a utilização de pseudônimos na correspondência entre ele, Lady Emma Hamilton e o objeto do adultério de ambos, a filha Horatia. Nelson se referia a Horatia como filha de um colega marinheiro chamado de senhor Thompson, a Emma como senhora Thompson e ele como amigo de Thompson, como forma de esconder seu relacionamento adúltero com ela. As cartas enviadas por Emma a Nelson foram por ele destruídas (HUDSON, 1994, p. 170), o mesmo não ocorrendo com as de Emma, o que proporcionou um rico depósito de informações do relacionamento entre os dois, para alegria de muitos de seus biógrafos.

Da mesma forma como se aborda os diários e memórias, o pesquisador deve ter cuidado na análise da correspondência de seu objeto, uma vez que poderão existir subterfúgios que o afastam da realidade. Assim ele deve observar por que determinado missivista provocou aquele subterfúgio para entender o contexto e a verdade por detrás daquele ato inicialmente falso ou inverídico. Repetindo Peter Burke, para os detalhes da vida de um indivíduo, coletâneas de cartas desse tipo devem ser tratadas com alguma desconfiança, como memórias e autobiografias. Ainda assim, como documentos da auto-imagem da pessoa, são inestimáveis (BURKE, 2009, p. 31).

Finalmente existem à disposição do biógrafo documentos oficiais, arquivos pessoais e judiciários, imagens, objetos arqueológicos, periódicos, fontes orais, fontes audiovisuais, moedas, selos, canções, atas administrativas,

atas e planos militares, enfim todas as fontes disponíveis para o trabalho do pesquisador biógrafo.

Contexto e o biografado

No que diz respeito ao contexto, torna-se fundamental incluir o biografado nele. Benito Bisso Schmidt aponta que uma boa biografia é aquela que “insere” o indivíduo no seu contexto e que ele mantenha uma relação de exterioridade com a época vivida. (SCHMIDT, 2000, p. 123) Repetindo Ginzburg, Schmidt afirma que o contexto se coloca como ‘um campo de possibilidades historicamente delimitadas’, lembrando que os biografados a cada momento têm diante de si caminhos incertos e indeterminados que se oferecem como escolhas pessoais, sendo assim fundamental trazer à tona as incertezas, oscilações, incoerências e o próprio acaso, mostrando que suas trajetórias não estavam predeterminadas desde o início (SCHMIDT, 2004, p. 139). Um exemplo marcante dessa característica foi a gama de opções oferecidas ao mesmo Lorde Nelson anteriormente citado, quando se encontrava em Nápoles com seus navios, sob a influência de Emma, e as escolhas nem sempre felizes de suas ações, inclusive na morte do príncipe Caracciolo quando, por estímulo de seu amor proibido e da corte napolitana, decretou a morte desse personagem que se sublevara contra o rei das Duas Sicílias. Uma escolha infeliz para uma biografia que se marcava como irrepreensível. Não se pode considerar, tampouco, que o contexto seja imutável e homogêneo no tempo e no espaço. Ele sofre modificações e o biógrafo deve perceber essas mudanças e indicar no texto como essas alterações afetam o comportamento do biografado.

Schmidt prossegue afirmando que o contexto de determinada época em que o biografado viveu pode ser utilizado pelo historiador para preencher lacunas documentais. Se não existem fontes precisas que esclareçam determinadas ações e comportamentos do personagem, pode ser construída pelo pesquisador hipóteses, a partir das percepções do contexto da época. Para ele, o mais importante é que esses momentos de ‘invenção’ sejam

apontados, explicitamente, ao leitor por meio de expressões como ‘possivelmente’, ‘talvez’, ‘ao que tudo indica’ e ‘é possível’ (SCHMIDT, 2000, p. 126). Esse recurso é mais efetivo quando se trabalha com ‘o homem comum’ a respeito do qual a documentação é freqüentemente esparsa e indireta. Um caso clássico desse recurso é o livro de Eduardo Silva, *Dom Oba II D’Africa, o príncipe do povo* de 1997 (SILVA, 1997), no entanto Schmidt aponta que nos primeiros capítulos dessa obra o protagonista da história, Dom Oba, é “engolido” por sua época, na qual a quantidade de fontes disponíveis sobre a Bahia do século XIX obscureceu a trajetória do personagem em razão da escassez de fontes pessoais (SCHMIDT, 2000, p. 127). Outro exemplo marcante desse procedimento foi o interessante livro de Natalie Zemon Davis *O retorno de Martin Guerre* de 1987 (DAVIS, 1987) no qual a autora procurou identificar características de mulheres camponesas da região no período considerado, para montar as características e atividades de Bertrande, mulher de Martin Guerre, interpretando, imaginando e construindo essa personagem (XAVIER, 2000, p. 167).

A narrativa biográfica

Finalmente a narrativa traduz o trabalho final do biógrafo e sua relação com o leitor. No campo da biografia o estilo da narrativa torna-se fundamental. Para Peter Gay, o estilo é a arte da ciência do historiador (1990, p. 196). Para ele o estilo é a forma e conteúdo “entrelaçados para formar a tessitura de toda arte e todo o ofício e também a história” (1990, p. 17). O historiador é um escritor profissional sofrendo a pressão de se tornar estilista mantendo-se cientista, proporcionando prazer sem comprometer a verdade. Ele é também leitor, prezando a qualidade literária, absorvendo fatos e interpretações, explorando palavras em busca da verdade. O estilo passa a ser um veículo de conhecimento ou instrumento de diagnóstico, dando ao mesmo tempo informação e prazer. (1990, p. 18)

Para Gay existem alguns estilos perfeitamente identificáveis para o ofício do historiador. O estilo *literário* (1990, p. 21) é o que se refere ao

manejo das frases, o emprego de recursos retóricos, sua divisão capitular e o ritmo da narração. Esse estilo se relaciona com sua capacidade de utilizar a gramática e o arranjo que ele dá a trama. Outro estilo é o que ele chamou de estilo *emocional* do historiador que significa o tom com que aborda o seu objeto, sua tensão ou tranquilidade na abordagem de situações apresentadas, seus adjetivos preferidos e suas escolhas de episódios mais significativos. Um terceiro estilo apontado por Gay é o que chamou de estilo *profissional* que se origina em suas escolhas técnicas de pesquisa, os instrumentos profissionais preferidos e o modo como ele apresenta as suas provas, trabalha as suas fontes documentais e escolhe os métodos historiográficos. Por último Gay indica o estilo de *pensar* do historiador como a expressão prática e incisiva que relaciona o próprio estilo e o conteúdo, em um sentido mais que somente metafórico. O modo como o pesquisador vê o mundo e sua constituição ontológica têm reflexos diretos nos três estilos anteriores, o *literário*, *emocional* e *profissional*. Para o historiador alemão, “os estilos compõem uma rede de indícios que apontam uns para os outros e somados para o homem”, o próprio historiador em atividade (1990, p. 24).

Afinal, qual foi o percurso da biografia no mundo ocidental? Na antiguidade imperou a chamada biografia clássica na qual enfatizava um caráter político, moral ou religioso do personagem abordado. Um exemplo de tal percepção foi o clássico *Vidas Comparadas* (PLUTARCH, 1952) de Plutarco com seu efeito moralizante e exemplar, dentro de sua concepção de grandeza. A vida dos grandes homens era um espelho para nossas ações e serviam de exemplos a serem imitados. Essa obra compõe-se de 25 pares de biografias, em cada uma figura um herói grego e um herói romano; se falta crítica rigorosa a Plutarco, sobra objetividade e o estilo é agradável e muitas vezes emocional.

No período medieval imperaram as hagiografias, embora tal gênero, também, tenha existido na antiguidade. O propósito era glorificar a Deus por meio da vida dos santos e propor a humanidade modelos de virtude e santidade. Um exemplo desse tipo de biografia foi a obra de Gregório de Tours com sua *Glory of the Confessors* (TOURS, 1988) no qual exaltou milagres de uma pedra sobre a qual São Martinho sentou-se, de uma árvore que se

moveu, de uma capela na qual ele rezou e uma videira que ele plantou (HUGUES, 2002, p. 157). Ao documentar esses fatos, Gregório quis demonstrar que Deus estava presente nas ações de Martinho. O propósito fundamental de Gregório era mostrar ao cristão a onipresença de Deus e sua conversão à fé verdadeira, o cristianismo.

Peter Burke indicou que na Renascença existiam cinco características relativas às convenções da biografia que revelavam a sua estrutura. A primeira, que embora algumas biografias tivessem organização cronológica, sua estrutura era temática ou tópica. Outra característica informava sobre a grandeza futura do herói, tal como a vida dos santos medievais e grandes homens na antiguidade. Existiam, também, narrativas biográficas para rituais descritos de maneira dramática, patética e detalhada, principalmente se o protagonista ocupasse cargo público. Ênfase era dada a banquetes, procissões e cerimônias ritualizadas. Como quarta característica, existia um paralelo entre a biografia renascentista e a ficção quase como um “romance biográfico” e por fim houve uma ênfase nos diálogos e falas dos personagens biografados (BURKE, 1997, p. 89). Um exemplo típico desse tipo de biografia, Burke apontou a biografia do cardeal Wolsey escrita por George Cavendish (CAVENDISH, 2006) em 1557. Nessa obra Cavendish destacou os rituais, frases e “as sentenças e afirmações brilhantes na câmara do conselho” proferidas por Wolsey.

Na passagem da Idade Moderna para a Contemporânea a concepção de biografia passou por alterações. Vavy Pacheco Borges apontou que o marco inicial do que se chama hoje em dia de biografia foi inaugurado pela obra de James Boswell, publicada na Inglaterra em 1791 sobre a vida de Samuel Johnson (BOSWELL, 1968). Disse a historiadora brasileira que nesse trabalho de Boswell houve grande busca por novos métodos de se investigar a vida do biografado, compreendendo forte relação de convivência entre o historiador e o personagem, um interesse em evitar o panegírico e uma preocupação em contar a verdade, com a dramatização de diálogos, a partir da documentação disponível e das diversas entrevistas com pessoas que conviveram com o seu objeto (BORGES, 2005, p. 205). Até 1831 houve dez edições da *Life of Samuel Johnson*, um verdadeiro sucesso editorial. Como disse

o literato inglês Richard Holmes, um dos estudiosos da obra de Boswell, que ele [Boswell] era o avô da biografia inglesa (2005, p. 206).

O século XIX, principalmente nos países de língua inglesa, em especial no Reino Unido houve um enorme interesse no trabalho biográfico. A curiosidade do público se centrava nos pecados e virtudes dos antepassados, pronto a tolerar até mesmo receber com agrado as biografias que se recusavam a esconder essas falhas pretéritas. Segundo Peter Gay houve um verdadeiro apetite biográfico nesse século. A biografia devia ser, ao mesmo tempo, científica e artística, e uma forma de contribuir para o conhecimento, a crítica e a reflexão de pessoas cultas (GAY, 1999, p. 171). Longas Biografias surgiram, algumas compilando dez volumes como, por exemplo, a de John Nicolay e John Hay que narraram a vida de Lincoln, assim como edições baratas de biografias de personagens conhecidos, de modo a atingir grande público. Dicionários biográficos proliferaram tanto nos Estados Unidos da América como no UK. Em razão do próprio interesse do público, muitas biografias desmascararam reputações até então intocadas, de modo a exatamente enaltecer as virtudes burguesas e indicar caminhos que não deveriam ser seguidos. Vivia-se intensamente o chamado período vitoriano no Reino Unido. Houve uma exacerbação da história dos grandes homens e o culto do herói, sendo seu representante maior Thomas Carlyle. Passou a existir uma idolatria por esses heróis idealizados, ao mesmo tempo em que, no final do século, surgiram autores que contestavam essa versão heróica com interpretações anti-heróicas (GAY, 1999, p. 177). A visão heróica de certos personagens tinha o comprometimento de apresentar homens superiores com atributos essenciais a uma vida gloriosa, dedicação ao trabalho, capacidade de sacrifício, temperança e sentido de dever, sendo o caráter mais importante que o intelecto (1999, p. 179). Peter Gay chegou a indicar que o caráter de um indivíduo excepcional podia purificar o caráter de toda uma nação (1999, p. 181).

Os biógrafos vitorianos, no entanto, procuravam evitar assuntos que pudessem conspurcar certos dogmas heróicos de seus personagens, como por exemplo, nos domínios do erotismo e da sexualidade, considerados por eles campo minado. Muitos evitavam ou enfrentavam de má vontade

verdades que pudessem vir a público denegrir a imagem positiva de seus biografados. Existia uma concordância quase geral de que os detalhes da infância podiam ser insignificantes e desinteressantes, como se esses heróis não tivessem vivido a infância.

Gay prosseguiu afirmando sobre as biografias desse período vitoriano que a luta dos biógrafos do século XIX e de seus leitores com os desejos de conhecer e idealizar seus heróis era exacerbada, por uma disputa correlata entre a privacidade e a franqueza. A prática de respeitar a invasão de privacidade de olhos indiscretos se coadunava com um vício cultural sintomático, a hipocrisia, um esforço para enganar o leitor, ocultando casos de cobiça e sensualidade (1999, p. 189). Muitas vezes os biógrafos se escondiam de certos fatos perturbadores de seus personagens, em particular experiências eróticas, permanecendo na superfície dos eventos, sem expor os seus heróis a críticas do público. A privacidade atingiu inclusive nesse período uma prioridade sem precedentes no mundo britânico em especial, decaindo aos poucos para o final do século XIX e início do seguinte. A privacidade não era um direito de nascença, mas uma conquista, segundo Gay (1999, p. 190). Resistir à tentação de expor os personagens à crítica popular em razão de assuntos “constrangedores” era um efeito da civilização e o privado deveria ser mantido intacto. O moralismo biográfico prevaleceu.

No século XX os *Annales* procuraram atingir o gênero biográfico, diminuindo a importância do indivíduo na história, correlacionando-o ao mundo político, pouco atrativo para esses historiadores, mais ligados a estrutura, a antropologia e sociologia. Apesar dessa oposição, pode-se afirmar que houve, a partir de 1980 um “retorno da biografia”, que para Vavy Pacheco Borges é um retorno não ao factual descritivo, mas sim a um retorno com pontos comuns com a “nova história política” francesa, em uma verdadeira renovação historiográfica. Para Borges (2005, p. 209) “dois eixos claramente imbricados podem explicar hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade”. No primeiro eixo destaca-se o individualismo e a liberdade no qual se aborda o homem na sociedade e da compreensão de seu papel nela. Quanto ao segundo eixo, Borges (2005, p. 210) aponta mudanças

nas disciplinas acadêmicas derivadas das crises dos grandes paradigmas, surgindo o interesse pelas ditas minorias sociológicas como negros, mulheres e homossexuais, sem contar o efeito que o psicológico que afeta o percurso do homem na sociedade. Hoje a biografia é considerada uma fonte para se conhecer a história (2005, p. 215). Mas antes de ser uma fonte para se conhecer a história, Borges aponta que não há nada melhor para se “saber como é o ser humano do que se dar conta de sua grande variedade, em espaços e tempos diferentes” (2005, p. 215).

O século XX assistiu com certeza a reabilitação da biografia como gênero historiográfico.

Considerações finais

Assiste-se hoje uma proliferação de biografias no mercado editorial. Títulos interessantes enchem as prateleiras das livrarias brasileiras. Biografias do Duque de Caxias, de Horatio Nelson, de Winston Churchill, de Pedro I e Pedro II, personagens que nos atraem, confortam, irritam e apaixonam, enfim o texto biográfico raramente nos é indiferente.

O ofício do historiador não pode prescindir de técnicas e abordagens que orientem o seu trabalho de procura, investigação, interpretação e por fim da escrita de uma boa biografia. O que se pretendeu discutir foram caminhos possíveis para o historiador atingir o coração do leitor e ele assim chegar ao auge de uma boa leitura biográfica. Nada atrai mais o homem que um bom texto sobre a vida de um personagem que o interessa em uma tarde de chuva, com uma boa xícara de café, ouvindo Mozart. A biografia está de volta.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

- AZEVEDO, Francisca Nogueira. Biografia e gênero. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora UFRS, 2000, p. 131-146.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BESSELAAR, José van den. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Herder, 1968.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandeza e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-234.
- BOSWELL, James. *The Life of Samuel Johnson*. New York: Plume, 1968.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 182-191.
- BURKE, Peter. A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista. *Estudos Históricos. Indivíduo, biografia e história*. Rio de Janeiro: FGV, v.10, n.19, 1997, p. 83-97.
- BURKE, Peter. *O historiador como colunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- CAVENDISH, George; CHURCHYARD, Thomas. *The Life of Cardinal Wolsey*. Whitefish, Montana: Kessinger Publishing, 2006.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DE SOUSA, Octávio Tarquínio. *Introdução à História dos Fundadores do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.
- GAY, Peter. *O estilo na história*. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GAY, Peter. *O Coração desvelado. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Trad: Sergio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- HUGUES-WARRINGTON, Marnie. *Cinquenta pensadores da História*. São Paulo: Contexto, 2002.
- HUDSON, Roger. *Nelson and Emma*. London: Folio Society, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *São Luiz*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hugues e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 174, p. 167-182.
- ORIEUX, Jean. A Arte do biógrafo. DUBY, Georges; ARIES, Philippe; LADURIE, Emmanuel, LE GOFF, Jacques. *História e Nova História*. 3.ed. Trad: Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema.
- PLUTARCH. *The Lives of the Noble grecians and Romans*. Chicago: Encyclopedia Britannica Inc and University of Chicago, 1952.
- RICCI, Magda. Como se faz um vulto na História do Brasil. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora UFRS, 2000, p. 147-173.
- ROCHA, Manuel Carneiro da. *Diário da campanha naval do Paraguai, 1866*. Rio de Janeiro: SDM, 1999.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos. Indivíduo, biografia e história*. Rio de Janeiro: FGV, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997.
- SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o retorno do gênero e a noção de 'contexto'. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos, PETERSEN, Silvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora UFRS, 2000, p. 121-129.

- SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*. São Leopoldo: Unisinos, v. 8, n. 10, p. 131-142, 2004.
- SILVA, Eduardo. *Dom Oba D' Afica II, o príncipe do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SPENCE, Jonathan. *O palácio da memória de Matteo Ricci*. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TOURS, Gregory. *The Glory of Confessors*. Liverpool: Liverpool University Press, 1988.
- XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora UFRS, 2000, p. 161-173.